



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de celebração dos 108 anos da Fiocruz - Manguinhos**

**Rio de Janeiro-RJ, 1º de agosto de 2008**

Meu caro companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro companheiro José Temporão, ministro da Saúde,

Meu caro companheiro Adib Jatene, ex-ministro da Saúde e membro da Comissão Nacional de Determinantes Sociais da Saúde, em nome do qual cumprimento os demais membros aqui presentes,

Meu caro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Nosso querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz,

Meu caro – não o vi aqui – Sérgio Côrtes, secretário estadual da Saúde,

Nossa querida companheira Tânia Araújo Jorge, diretora do Instituto Oswaldo Cruz,

Meu caro Dioclécio Campos, presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria,

Nossa querida companheira e atriz Dira Paes, madrinha da Campanha da Amamentação,

Meus caros amigos e amigas pesquisadores e funcionários da Fiocruz,

E aqui uma saudação especial às mães que acabaram de amamentar os seus filhos.

Antes de ler o pronunciamento, aqui, robusto, eu preciso falar um pouco ainda como se eu fosse dirigente sindical dos anos 80. Eu estou vendo ali, vocês estão vendo, uns companheiros com uma faixa, reivindicando reajuste



de salário. Na verdade, eu fui pego de surpresa, porque achei que era uma coisa já resolvida e quando chego aqui, o Paulo me conta que houve um problema. Depois eu encontro o presidente do Sindicato, que me entrega uma carta dizendo que aquilo que foi acordado não era o que estava na proposta enviada pelo Planejamento.

A única coisa que pude dizer ao Paulo é que nós vamos cumprir aquilo que foi acordado. Já tinha dado a palavra e, portanto, eu vou determinar ao ministro do Planejamento que, junto com o Paulo e o Sindicato, resolva esse problema na próxima semana, porque na próxima semana eu e Sérgio estaremos na China, defendendo o Rio de Janeiro. Paulo, pode ficar certo de que na semana que vem vocês resolvem esse problema.

Segundo, quero dizer às mães aqui presentes: eu tive quatro filhos com a Marisa e posso dizer para vocês que a amamentação é, como disse a nossa atriz, muito mais do que alimento. De qualquer forma, a experiência da Marisa foi amamentar os filhos, alguns até os dois anos e meio. Lá em casa, o Projeto Fome Zero foi prolongado e a gente não queria encontrar a porta de saída, não. A gente queria que ficasse mamando o tempo que pudesse, até que a meninada começou a incomodar a Marisa, a machucá-la, aí fui obrigado a fazer um “acordo de paz” e começar a dar um pouco de feijão e arroz para eles.

Eu penso que o leite que a mãe dá para uma criança... Se toda mulher brasileira tiver consciência de que não existe bem maior... Eu sei que muitas vezes a mulher tem problema. Muitas vezes há um problema, no Brasil, de estética, as pessoas querem cuidar dos seios e coisa e tal. Penso que não tem nada mais importante do que uma criança mamar o máximo que ela puder, porque a saúde da criança é quase uma coisa sagrada, quando ela mama. Então, eu só posso dar esse conselho de pai, que viu a mãe criar quatro filhos, todos eles mamando muito, e isso é muito bom. Obviamente que eu dava boa comida para a minha mulher, para ela poder ter bastante leite para sustentar os meus filhos.



Paulo, é uma alegria voltar à Fiocruz. Desde que foi criada, há 108 anos, a Fiocruz desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da saúde pública brasileira. E faz jus ao talento e à dedicação dos pioneiros Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, cujos legados continuam a inspirar seus pesquisadores, funcionários e dirigentes.

Ao longo deste mais de um século, o Instituto precisou lutar contra o descrédito, batalhar por verbas e clamar por atenção dos governos. Mas nunca deixou de inovar e produzir resultados concretos mantendo como objetivo supremo o bem estar do povo brasileiro.

A Fiocruz conseguiu muitas vezes nadar contra a correnteza ideológica do estado mínimo. Venceu a luta contra aqueles que queriam tirar do Estado a iniciativa de produzir fármacos, medicamentos e vacinas para a população a um custo baixo, bem menor do que o praticado pelos grandes grupos internacionais.

Para nós, contudo, desenvolver e executar políticas de produção de medicamentos e vacinas preventivas, e investir em favor da saúde do povo, é uma obrigação do Estado. É por este motivo que eu, pessoalmente, sempre fiz questão de estar presente nos principais atos de apoio a esta importante instituição.

Em 2003, assinei o tão ansiosamente aguardado Estatuto da Fiocruz. No ano seguinte, estive com vocês para inaugurarmos o Centro de Produção de Antígenos Bacterianos e a nova sede da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Em 2005, iniciou-se no Complexo Tecnológico de Medicamentos de Manguinhos a produção de antibióticos e medicamentos contra a hipertensão e diabetes. Tais produtos são distribuídos de forma gratuita ou subsidiada pelo Ministério da Saúde por meio de programas como a Farmácia Popular.

Em 2007, foi a vez de inaugurarmos o Centro de Produção de Antígenos Virais, que prevê a produção anual de 60 milhões de doses de vacinas para



sarampo, caxumba e rubéola, e mais de 20 milhões de doses de outras vacinas.

Hoje, tenho orgulho de estar novamente com vocês para a inauguração do mais moderno pólo em virologia da América Latina, dedicado a pesquisar gripe, rubéola, diarreias virais, hepatite viral, febre maculosa, dengue e outros importantes riscos à saúde pública. Serão nove laboratórios de pesquisa e dez serviços de referência considerados estratégicos pelo nosso Ministério da Saúde, com investimentos de cerca de R\$ 19 milhões de reais do PAC Saúde. (inaudível)... porque lamentavelmente nós perdemos a batalha no Senado. Na verdade nós ganhamos, mas faltou um voto.

Tais estruturas certamente colaborarão para que a Fiocruz possa participar ainda com mais destaque no novo desafio da saúde pública brasileira: aumentar em 50% a quantidade de medicamentos produzidos pelos 19 laboratórios oficiais.

O Brasil, felizmente, conquistou o grau de excelência em virologia. Contamos com uma rede capaz de enfrentar os desafios de doenças internacionais como Aids, gripe aviária e ebola. Com os novos investimentos, pesquisaremos e combateremos com ainda mais vigor as doenças que já conhecemos.

Daremos especial destaque às moléstias tropicais que causam risco às populações que se dirigem às novas fronteiras mais ao Norte e ao Noroeste do Brasil. Também estaremos preparados para identificar e combater com mais velocidade e eficiência as doenças tropicais ainda desconhecidas. Por isso, já disse o Paulo, vamos abrir uma unidade da Fiocruz no Pantanal e vamos incorporar o Instituto de Pesquisas em Patologias Tropicais de Rondônia.

Nós, que já somos referência internacional nessas pesquisas, certamente iremos nos tornar ainda maior referência. E mantemos o compromisso de democratizar esse conhecimento com as demais nações que enfrentam problemas parecidos. Em praticamente todas as minhas viagens à



África, à América Latina e a algumas regiões da Ásia, temos firmado acordos e convênios na área de saúde pública e no controle de epidemias. Desses acordos surgiram iniciativas extremamente relevantes, como é o caso do, também já falado aqui, escritório da Fiocruz de Maputo, em Moçambique.

Não posso deixar de citar, também, que estamos dando posse hoje aos nossos queridos “camisas vermelhas”. Eu até pensei que as pessoas poderiam pertencer a algum partido político, depois pensei que as pessoas poderiam já estar em greve antes de começar a trabalhar. Depois, percebi que eles pertencem a um partido chamado Fiocruz. Percebi que eles não estavam em greve, até porque também não trabalharam, como é que já iriam entrar em greve? Mas quero dar os parabéns a vocês e boa sorte nessa nova empreitada da Fiocruz.

Quero, também, Paulo, lamentar por você deixar a direção da Fiocruz. Agora, eu acho que como nós somos contra qualquer hipótese de terceiro mandato, é importante você sair para que tenha alternância de poder aqui, e sempre torcendo para que entre alguém que faça mais e melhor do que você fez.

Eu penso que, ao trabalhar numa instituição como a Fiocruz, é importante ganhar um salário que esteja de acordo com a importância que vocês têm. Mas eu acho que tanto quanto o salário e o emprego, é importante vocês saberem que são responsáveis por parte do atendimento que o Estado brasileiro faz, sobretudo à parte mais pobre da população brasileira. Acho que isso permite que vocês possam dormir, todo santo dia, com a consciência tranqüila daqueles que cumpriram o seu dever e fizeram o bem ao próximo.

Meus amigos e minhas amigas, vocês percebem que as folhas estão terminando.

Eu queria dizer ao companheiro Paulo que não sei se a Fiocruz vai exigir tanto do outro governo que vier como exigiu de mim. Eu temo duas coisas: primeiro, porque nós somos companheiros, ele só sabe fazer projetozinho e ir



lá pedir para o Temporão para a gente bancar. Eu acho que não é possível que, qualquer que seja o governo, não tenha uma dedicação muito especial ao que isso significa para o nosso país, para a América Latina e para a África.

Nós temos condições, enquanto país mais importante da América Latina, enquanto país, por razões históricas, mais irmão do povo africano, e nós temos a responsabilidade, Paulo – o governo brasileiro – de ajudar a financiar a Fiocruz para espalhar sua inteligência, para que a gente possa fazer com que essa parte do mundo tenha o conhecimento que nós temos, e possam produzir o mesmo tipo de vacina que nós produzimos no País. Afinal de contas, se nós fizermos 50 fábricas de vacina na África, nós ainda não pagaremos o que devemos aos africanos, pela história do nosso país.

Um dado importante, Temporão, que pensei que você ia falar: a nossa experiência com a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde como a maior e mais complexa tecnologia de bancos de leite do mundo. Essa experiência está sendo empregada com êxito em vários países da América Latina e da África, e já chegou até a Europa. O banco de leite de Madri foi desenvolvido por técnicos brasileiros e deverá se tornar referência naquele continente.

O mais importante, contudo, é que, graças ao amor materno e à solidariedade de milhares de brasileiras, coletamos 1 milhão, 350 mil litros de leite por ano. Só para se ter uma idéia do que isso significa, significa amamentar 108 mil crianças, que foram beneficiadas o ano passado.

Quero portanto, mais uma vez, agradecer a todas as mulheres que fizeram esse gesto carinhoso. Eu acho, Temporão, que temos que utilizar mais a televisão, porque isso é serviço público, de utilidade pública. Portanto, a televisão precisa veicular muitas vezes alguma coisa para conscientizar as mulheres de doarem leite para o banco de leite, porque é uma coisa extraordinária. Tem muita gente que passa muita fome quando é adolescente, passa muita fome quando casa, e pode ter menos leite que uma pessoa que



comeu melhor.

Conclamar as mulheres a participar mesmo, ou seja, fazer disso quase uma campanha para mexer com o brio de cada mulher. Eu acho que a gente vai inclusive levantar a auto-estima das mulheres que têm leite sobrando e podem fazer doação. Acho que poderemos salvar muitas vidas.

Por fim, meus queridos, eu quero dizer, Paulo, que saio daqui com a consciência tranqüila de que no seu mandato eu fui o presidente que mais investiu na Fiocruz. Qualquer um pode falar mal de mim em qualquer lugar do Brasil. Você não tem esse direito. Você vai dizer “eu governei a Fiocruz no tempo em que o presidente Lula governou o Brasil, e tudo que nós propusemos, não só foi aprovado como foi inaugurado”.

Muito obrigado e que Deus continue nos ajudando.

(\$211A)